

# GUARANI E KAIOWÁ NO ENSINO SUPERIOR, E SUAS VIVÊNCIAS E RELAÇÕES

Marta Soares Ferreira \*  
Célia Maria Foster Silvestre \*

**Resumo:** A pesquisa da qual resultou esse trabalho representa um percurso na tentativa de entender algumas das vivências dos Guarani e Kaiowá, a partir do convívio na UEMS- Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- Unidade de Amambai, Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. O município de Amambai, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), conta com uma população de 34.730 habitantes. Vivem cerca de 7.160 pessoas que se autodeclaram Guarani e Kaiowá em três aldeias: Amambai-Aldeia Guapo'y, Limão Verde e Jaguari. Representam cerca de um terço da população do município, e atuam em espaços variados, enquanto professores nas escolas municipais e estaduais da aldeia, agentes de saúde, funcionários públicos, integrantes de partidos políticos. Moram e trabalham nas aldeias, nas fazendas e nas usinas. Fomentam o setor econômico, com compras no comércio e estão também nas universidades. Entretanto, não é possível afirmar que a relação interétnica esteja livre dos conflitos. Eles acontecem, principalmente, em virtude das demandas por demarcação de terras, e constituem parte das relações cotidianas. A pesquisa de campo foi realizada a partir da inserção no subprojeto interdisciplinar do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido na UEMS de Amambai, da vivência com os estudantes Guarani e Kaiowá matriculados nos cursos de Ciências Sociais e História. Mais diretamente com os estudantes-bolsistas do subprojeto Interdisciplinar do PIBID, desenvolvido em duas escolas Guarani na aldeia Amambai-Guapo'y (neste trabalho será usado o nome em guarani para se referir à aldeia, como os estudantes a denominam). A compreensão que se busca nesse trabalho parte de abordagens variadas: a partir da pesquisa bibliográfica buscou-se o levantamento de aspectos históricos, antropológicos e sociológicos em autores que pesquisam entre os Guarani e Kaiowá.

**Palavras Chaves:** Vivências; Relações; Direito; PIBID e Kaiowá/ Guarani.

## **Uma Etnografia a partir de relações - Direito e Cosmologia Indígena.**

No primeiro semestre de 2012, ouvia-se muitos estudantes veteranos da UEMS dizendo que só existiam pesquisas relacionadas aos povos indígenas, e que se sentiam irritados por não terem contato com outras pesquisas. Com isso, faziam referência aos temas de pesquisa de professoras/pesquisadoras, entre elas Aline Castilho Crespe, Renata Lourenço, Célia Foster Silvestre, docentes do quadro efetivo dos cursos de

---

\* Mestranda do Programa de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade do Oeste do Paraná/UNIOESTE - martamartinhasf@gmail.com

\* Docente dos Cursos de Ciências Sociais (Amambai) e Mestrado em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos (Ponta Porã) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS – celia.silvestre@gmail.com

Ciências Sociais e História. Isso era intrigante, e refletia o contexto de exclusão que os povos indígenas da Aldeia Guapo'y vivem na cidade de Amambai/MS.

Em 2013, recebi um convite das professoras do curso para ir a uma *Aty Guassu*<sup>1</sup> *Kunhã* (Grande Reunião das mulheres), na aldeia de *Sombrerito*, no Município de Sete Quedas/MS, e lá tive a oportunidade pela primeira vez de participar de um evento promovido pelos Guarani e Kaiowá da região em que resido. Pude observar que o evento era permeado por rezas e cantos, com a participação de rezadores e rezadoras, jovens, mulheres e crianças.

Embora o evento consistisse em reunião de mulheres, com discussões e propostas na área de saúde para a mulher, escolas para as crianças, segurança para suas famílias, a ênfase era a retomada de territórios tradicionais. Nesse primeiro contato pude observar várias manifestações religiosas; em torno das discussões; os rezadores enfatizavam a força que o *mbaraka*<sup>2</sup> possui.

Ao participar de um encontro de jovens indígenas no município de Douradina-MS, no mesmo ano, as reflexões de destaque entre os jovens das etnias Guarani, Kaiowá e Terena a respeito de direitos indígenas. Chamou-me a atenção à presença de um jovem advogado da etnia Terena, que refletia a respeito da importância de conhecerem a Constituição Federal de 1988, instigando os demais a se inteirarem de seus direitos, destacando seu trabalho pela defesa de seus patrícios.

Algo que é evidente em todos esses momentos políticos entre os Guarani e Kaiowá, os aspectos religiosos. Os cantos e rezas abrem e fecham as reuniões. Os rezadores se fazem ouvir a partir do que chamam de *nhande reko* (nosso modo de vida). Os Guarani e Kaiowá enfatizam que os conflitos do presente estão ligados à ruptura com o modo de vida tradicional. Entendem que o *mbaraka* é um instrumento tão poderoso que poderia destruir toda a forma de organização social dos *karay* (não índios). Salientam que os rezadores têm esse poder, mas não os utilizam por compaixão à humanidade. Afirmam, também, que já preservaram a terra de muitas catástrofes, apenas com o uso desse instrumento.

Na *Aty Kunhã*, a reunião das mulheres mencionada, se constatou a percepção dessa força: ao comparar a força das armas dos agentes federais presentes com o *mbaraka*, o rezador dizia que esse tinha mais força. A força dessa espiritualidade

---

<sup>1</sup> *Aty Guassu*- grande reunião, é o espaço de articulação política dos Guarani e Kaiowá, realizado periodicamente no Sul do MS, que reúne os grandes líderes (CRESPE, 2015).

<sup>2</sup> Instrumento usado pelos rezadores- *Nhanderu*- e rezadoras- *Nhandesy*.

também aparece em 2009, em uma reunião no curso de Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu*, na UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados). Em meio a uma guerra anunciada, os Guarani e Kaiowá rezavam e dançavam desejosos de uma resolução pacífica para os conflitos fundiários. Em situação de conflito, os Guarani e Kaiowá rezam (SILVESTRE, 2011.).

Para os mais jovens, a luta passa por outra dimensão: a partir de suas trajetórias pela escola, dizem que a caneta é a arma e a bala é o papel: enfatizam, com isso, a norma escrita, e o desejo de conhecer o código pelo qual o direito se inscreve (SILVESTRE, 2011).

Esse aspecto foi se tornando cada vez mais presente na minha investigação, e dizia respeito às narrativas que meus colegas Guarani e Kaiowá traziam a respeito do tema educação, sobre o qual frequentemente conversavam.

Quando cheguei à universidade, como mencionado, esse território parecia bastante desfavorável à participação efetiva dos Guarani e Kaiowá. A reação era de timidez quando os assuntos os envolviam. Essa participação também se dava de forma tímida nos projetos e espaços acadêmicos. A partir de 2014, os estudantes Guarani e Kaiowá, da UEMS/Amambai, começaram a participar do movimento estudantil, participar frequentemente dos eventos, dos encontros anuais do movimento de professores Guarani e Kaiowá, e a fazer parte do subprojeto interdisciplinar do PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

Por esse motivo, privilegiou-se, na pesquisa trazer as compreensões a respeito de cosmologia e direito a partir das narrativas desses estudantes. A partir do método etnográfico, e me valendo de estar nesse campo, trago as narrativas que evidenciam o cenário pouco expressivo de participações existente quando entrei na universidade, em relação a esses estudantes e as mudanças que ocorreram no sentido de uma participação significativa por parte dos Guarani e Kaiowá.

Toda a proximidade cotidiana com os indígenas, vivenciada na universidade promove mudanças orientadas por um olhar sociológico e antropológico que, nesse contexto, é facilitado pela proximidade com os estudiosos dos Guarani e Kaiowá contemporâneos.

Para que este exercício etnográfico acontecesse foi necessária buscar teorias proporcionasse uma compreensão do que se trata o trabalho etnográfico. Mills (1982) se refere ao trabalho de campo de artesanato intelectual. O autor discute a importância do passo a passo para o pesquisador se organizar diante da vida intelectual, salientando a

importância do uso de um diário. Essa técnica se aproxima do diário de campo, valorizado preconizado na Antropologia. O autor salienta que é importante o uso de um arquivo, como esforço de autoreflexão, que permitirá utilizar anotações e facilitará o hábito de escrever.

Esses passos revelaram-se importantes na hora da produção deste trabalho e foi abrindo o caminho para a escrita. Ao trazer a memória dessa trajetória, percebo que nesses fazeres procede-se como em relação a uma arte produzida com muito cuidado, como o trabalho de um artesão. Trata-se de um caminho que foi sendo percorrido.

Isso envolve procurar vincular reflexão produzida ao longo do curso de Ciências Sociais. Um autor que despertou meu interesse pela etnografia e trabalho de campo foi Roberto Cardoso de Oliveira (2000), com “O Trabalho do Antropólogo”, no primeiro ano de graduação.

Para esse autor, o método etnográfico apoia-se no olhar, ouvir e escrever: uma espécie de construção minuciosa que envolve o contato com as pessoas, ideias e relações. Um trabalho que exige dedicação e treinamento para o olhar, o ouvir e disciplina da escrita.

O campo científico tem características próprias. A escolha dos temas, o momento que eles surgem e que contribuem para conferir prestígio no campo científico, também está relacionada ao capital simbólico adquirido ao longo não apenas da carreira científica, mas também da vida.

O conceito de capital simbólico (BOURDIEU, 2001.) trata do conjunto de significantes socialmente relevantes: artísticos, culturais, religiosos, etc. Diz Bourdieu:

(...) o capital simbólico (a honra masculina nas sociedades mediterrâneas, a honorabilidade do notável ou mandarim chinês, o prestígio do escritor renomado, etc.) não constitui uma espécie particular de capital, mas justamente aquilo em que se transforma qualquer espécie de capital quando é desconhecido enquanto capital, ou seja, enquanto força poder ou capacidade de exploração (atual ou potencial), portanto reconhecida como legítima. Mais precisamente, o capital existe e age como capital simbólico (proporcionando ganhos - como diz, por exemplo, a constatação preceito *honesty is teh best policy*) na relação de um *habitus* predisposto a percebê-lo como signo e como signo de importância, isto é, a conhecê-lo e a reconhecê-lo em função de estruturas cognitivas aptas e tendentes a lhe conceder o reconhecimento pelo fato de estarem em harmonia com o que ele é. Produto da transfiguração de uma relação de força em relação de sentido, o capital simbólico nos livra da insignificância, como ausência de importância e de sentido. (BOURDIEU, 2001, p. 296).

O campo científico tem suas regras próprias. Historicamente, estar nesse campo e na universidade, foi privilégio de determinados grupos sociais. Não é o caso de negros e índios. Por outro lado, a presença desses grupos, especialmente nos Cursos de Ciências Sociais e História, questiona a produção de saberes e uso social da ciência (BOURDIEU, 2004.).

A partir desse campo, e, portanto, a partir do capital simbólico que lhe é próprio, reivindicam legitimidade para fazer se ouvir em suas demandas políticas e cosmovisões.

Essas vozes, por outro lado, encontra respaldo em uma crise de sentido da modernidade e na ruptura das certezas, o que favorece a emergência de uma sociologia politicamente engajada, que é o que se expressa nesse trabalho.

A vida dos povos indígenas na região do cone sul do Mato Grosso do Sul é de muitos conflitos. Não é diferente para os Guarani e Kaiowá; muitas pessoas com as quais convivo integram esse povo: são meus colegas de trabalho, de estudo e de convívio. O conflito que permeia a vida dos indígenas no Estado de Mato Grosso do Sul me faz perceber a seriedade em compreender esse contexto, a partir das vivências e leituras, e reforçar um comprometimento com suas lutas.

Trago para esse trabalho a dimensão de ser e estar na universidade, para os Guarani e Kaiowá com os quais convivo. Entretanto, o que surge são a presença dos integrantes da etnia Guarani e Kaiowá nos corredores da universidade, na biblioteca, no laboratório de informática, na luta por se manter enquanto estudantes diante das inúmeras dificuldades que suas condições étnicas lhes colocam.

É essa presença que se enfatizou no decorrer deste trabalho, evidenciando a necessidade de ressaltar o que destacava ao olhar. Pensando nessa trajetória, lembro Cardoso de Oliveira:

Talvez a primeira experiência do pesquisador de campo – ou no campo – esteja na domesticação teórica de seu olhar. Isso porque, a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto, sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo modo de visualiza-lo. (OLIVEIRA, 2000. P. 20.).

Trazer as vivências dos estudantes indígenas se justifica, na tentativa de compreender as lutas dos Kaiowá e Guarani, a partir de suas presenças na universidade, na medida em que para o graduado se coloca o compromisso de promover o bem viver a partir da dimensão territorial, entendendo que sem *tekoha* não há *teko porã*. Esse

aspecto é evidenciado por Crespe ao descrever o processo de territorialização vivido pelos Guarani e Kaiowá.

(...) os Kaiowá e Guarani sentiram a presença do branco principalmente a partir do final do século XIX, quando começam a serem explorados os ervais de erva mate. Após a chegada das frentes colonizadoras começam as fundações das primeiras reservas indígenas, instituídas na região após a segunda década do século XX. As reservas visavam estabelecer os Kaiowá e Guarani em pequenos territórios que não ofereciam, e continuam a não oferecer, as condições necessárias para a manutenção do modo de vida tradicional, denominado por eles *nanke reko*. Este processo de transferência forçada para as reservas é denominado de territorialização: os indígenas são coagidos a deixarem seus territórios e arbitrariamente são forçados a ocuparem outro espaço que não atende as necessidades físicas e sociais deles. (CRESPE, 2009, p. 20.).

Portanto o trabalho prossegue em um ensaio etnográfico nas próximas partes, apresentando as vivências com os estudantes Guarani e Kaiowá, na universidade e em diversos espaços onde os projetos dos quais participamos foram desenvolvidos, como as escolas da aldeia Guapo'y.

A hegemonia da sociedade ocidental em relação aos Guarani e Kaiowá se expressa, também, no campo universitário. Existe um *habitus*, no sentido de Bourdieu (2001), enquanto posições e disposições incorporadas, que funcionam como matrizes capazes de orientar as ações, estabelecido no cotidiano das relações entre indígenas e não indígenas. Um *habitus* orientado por noções preconceituosas, que se expressam também nas relações estabelecidas na universidade.

Está relacionado à legitimidade dos saberes, cuja ênfase recai sobre a racionalidade do pensamento científico, mas também na reprodução das relações sociais. Desconstruir esse *habitus* tem sido um exercício de contra hegemonia para os estudantes indígenas não raro repletos de angústias.

Sobre esse assunto, um estudante guarani se expressou dizendo que achava que era mais feliz antes de vir para a universidade, já que a partir disso passou a perceber as condições de vida na aldeia com outros olhos. Ele se referia a uma dimensão de compreensão de ser e estar no mundo a partir da relação dialética produzida pelo conflito entre saberes.

Ainda que a predominância da racionalidade esteja presente, assim como a dinâmica de invisibilidade, as Ciências Sociais e a História promovem a valorização da identidade, a percepção a respeito das condições políticas e econômicas e o

comprometimento com os projetos de vida e futuro do próprio povo, a partir da noção ampliada de direitos. (SILVESTRE, 2011.).

São inúmeras as discussões entre os estudantes Guarani e Kaiowá sobre seus direitos hoje no âmbito da universidade, principalmente no curso de Ciências Sociais, nas disciplinas de Sociologia e Antropologia. Cada vez mais vão compreendendo e fazendo compreender que esses direitos passam pela diferença e pela especificidade cultural e devem ser concretizados a partir delas, em políticas públicas de ações afirmativas para os coletivos indígenas.

A reflexão a respeito do direito à educação não está descolada da que se relaciona ao direito a terra, que ganha ênfase e expressão durante suas formações.

### **CON-VIVÊNCIAS**

Minha vivência com os acadêmicos proporcionou outra visão de mundo, provocando formas de entender as relações interétnicas, refletindo na atitude de não mais aceitar comentários preconceituosos, dentro ou fora da universidade, a respeito dos Kaiowá e Guarani.

Por várias vezes ficava com os estudantes conversando depois da aula, até chegar o ônibus para retornarem a aldeia; falavam-me de suas dificuldades para permanecerem no curso.

Mesmo estando em faixa etária que para nosso grupo social é considerada como muito jovem, a maioria era casada, e tinha filhos; as mulheres relatavam que muitas vezes tinham que deixar seus filhos com os avós, porque seus maridos saiam para trabalhar fora, em fazendas ou nas usinas de cana de açúcar. Outras vezes as crianças vinham com as mães para a faculdade (tinha até um carrinho de bebê que ficava na faculdade e era usado por algum bebê, que ficava sob o cuidado da filha mais velha ou de alguma irmã mais nova). As estudantes mulheres diziam ter que enfrentar os comentários maledicentes de outras mulheres, mesmo as parentes, que não entendiam porque deixavam suas casas para estudar no período da noite. Isso gerava incômodo e às vezes tinham vontade de desistir do curso.

A questão que se apresenta, então, é a de como os grupos subalternos podem produzir autonomia na e a partir da universidade. É importante destacar que falamos de estudantes de cursos que buscam promover a compreensão de processos históricos e sociais de forma mais ampla e seus lugares nesses processos.

Esse interesse e vinculação aos projetos dos Kaiowá e Guarani passam, também, por um aspecto pessoal: reconhecer-me enquanto mulher, jovem, negra, integrante de grupos subalternos. Nesse sentido, percebia a cultura como um campo de contestação, no sentido de Hall (1997) e a universidade um território a ser conquistado. As ações do movimento estudantil se revestem desse caráter: trazer para a universidade aspectos que são desconsiderados em seus processos institucionais e ignoram, para além da teoria, a perspectiva dos saberes deslocados presentes nas categorias de juventude, gênero, sexualidade, etnia, etc.

Esse deslocamento dos saberes é contemplado em determinadas políticas públicas, mas não se expressam no cotidiano dos modos de fazer arraigados, instalados na hegemonia institucionalizada do conhecimento ocidental.

Essa perspectiva se expressava na forma de relacionamento dos Guarani e Kaiowá com a vida universitária: ocupando os lugares no fundo da sala, silenciosos, sem participar das discussões, ainda que elas os envolvessem. O movimento estudantil apresenta a contra hegemonia. Formas de atuação, a partir dos estudantes, que buscam desconstruir a aparente neutralidade de currículos e metodologias de ensino, trazendo para a pauta sujeitos e assuntos que a instituição não incorpora.

Em 2013 me integrei ao movimento estudantil como presidente do centro acadêmico do curso de Ciências Sociais e membro do DCE/UEMS (Diretório Central dos Estudantes da UEMS), e cada vez mais os Guarani e Kaiowá passaram a participar das atividades, para que fossem protagonistas nas discussões a respeito da diversidade étnica no âmbito do movimento estudantil e na universidade. Essa perspectiva envolvia seus dilemas para permanecerem na universidade, mas também suas formas de vida e valores.

A permanência dos estudantes indígenas na universidade não é preocupação recente. O programa Rede de Saberes<sup>3</sup> visa à permanência dos acadêmicos indígenas no ensino superior e envolve a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Universidade

---

<sup>3</sup> Programa de O Programa “Rede de Saberes” é uma *ação afirmativa* realizada por quatro universidades do estado Mato Grosso do Sul, no caso a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), que tem como objetivo apoiar em especial à *permanência* na educação superior de estudantes indígenas da região. Inicialmente realizado pela UCDB e pela UEMS a partir do repasse de recursos da Fundação Ford feito pelo Projeto Trilhas de Conhecimentos entre 2004-2007, o programa passou a beneficiar também estudantes da UFGD e da UFMS a partir de 2008. O responsável pela coordenação geral do programa é o historiador Antônio Brand, professor da UCDB. Disponível em <<https://ensinosuperiorindigena.wordpress.com/atores/nao-humanos/rede-de-saberes/>>.

Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). É financiado pela Fundação Ford e iniciou-se na UCDB, sob a coordenação de Antônio Brand. O professor Brand foi integrante do CIMI-Conselho Indigenista Missionário- e desenvolveu um importante trabalho junto aos Guarani e Kaiowá, no que se refere ao ensino e pesquisa, mas principalmente, na reflexão e apoio a respeito da temática do território e demarcação de terras indígenas.

A luta por terras tradicionais não está descolada da luta por educação. A história da educação escolar indígena e da formação de professores indígenas traz as imbricações que existem e são assumidas pelos Guarani e Kaiowá, entre a modalidade e oferta de educação, enquanto direito, e os demais direitos, entre eles à terra (ROSSATO, 2002; SILVESTRE, 2011.).

Essa imbricação aparece no processo de formação a respeito das condições sócio histórico que vivenciam os Guarani e Kaiowá. Estar na universidade poderia ser um projeto individual: conquistar saberes e titulação que permita o ingresso em uma profissão. Con-vi-vi com os Guarani e Kaiowá estudantes de Ciências Sociais e História ao adquirirem vigor em suas compreensões políticas e históricas através das ações para além da sala de aula, que remetiam a reflexões a respeito dos seus lugares como estudantes futuros professores e a luta por terras no estado, rumo a um projeto coletivo.

Esse é um dos muitos aspectos de acesso a políticas públicas garantidas por direitos instituídos. Entretanto, frequentemente fazem menção também aos aspectos espirituais.

Por muitas vezes os vejo argumentar que os Kaiowá e Guarani em qualquer situação de problema ou conflito procuram os rezadores, inclusive para receber conselhos de como devem agir; e que a confiança está no *mbaraka*, tendo uma postura de exigência, de comprometimento com sua cultura e tradição (*teko porã*= modo de vida bom e belo), sem deixar de compreender seus direitos.

Ainda que haja uma compreensão, por parte dos mais velhos, de que os jovens já não vivem segundo os modos de vida próprios, é um jovem professor, egresso do curso de Ciências Sociais e professor de Sociologia na Aldeia Guapo'y (Amambai) vinculado ao PIBID Interdisciplinar, que traz sua compreensão a respeito do valor do canto e reza para a cultura Guarani e Kaiowá, o professor Valdinei Lima, Guarani, sociólogo, reflete:

O *Ñembo'e* (canto ou reza) é um elemento importante para realizar o bem viver. Para acontecer esse bom momento o líder do fogo tem que ter ou conhecer alguns *Ñembo'e*. Os canto e rezas trazem segurança para aquela família para viver da forma correta, com bom relacionamento. As pessoas mais velhas sempre falam: sem esse canto é impossível viver bem com os outros, os indígenas de verdade (*Ava tee*), como eles falam, tem que saber. (LIMA, 2015, p.15.).

Um aspecto presente no *teko porã* é pensar no coletivo. São percepções visíveis no quanto algumas lideranças ficam incomodadas por verem membros da aldeia fazerem escolhas de forma egoísta ou somente para sua parentela.

O conflito, que atrapalha o *teko porã*, está relacionado a deixar de viver na reciprocidade. Isso acontece a partir das diferentes visões de mundo, dentro da aldeia.

Mesmo em uma reserva, existem vários grupos, e cada grupo tem visões de mundo diferentes. Cada grupo familiar tem modo de vida diferente, costumes diferentes, e os pensamentos são construídos de formas diferentes. O que é considerado um modo de vida bom e verdadeiro muda de uma família para outra.

Por outro lado, há um relacionamento intenso, provocado pelo fato de viver em um território pequeno. Cada família busca atender aos seus interesses, e isso provoca conflito. (LIMA, 2015, p. 15.).

Essas formas de vida diversas, que Benites (2009) chama de *teko retã*, (modo de vida múltiplo), também estão expressas em meu convívio com os Guarani e Kaiowá. Como já mencionado, estão presentes nos vários cenários de Amambai/MS, enquanto professores nas escolas municipais e estaduais, agentes de saúde, estudantes da UEMS, funcionários públicos, integrantes de partidos políticos. Morando e trabalhando nas aldeias, nas usinas, fazendo compras nos mercados, andando pelas ruas. A Unidade de Amambai tem se constituído, em níveis cada vez maiores de volume e importância das ações, em espaço de formação e atuação política para os integrantes desse povo vinculados aos cursos ofertados.

As políticas de acesso e permanência estudantil acontecem através do sistema de cotas e se efetiva através de projetos de ensino, pesquisa e extensão. Os acadêmicos Guarani e Kaiowá são participantes desses projetos: Em 2015 eram estagiários do Programa Vale Universidade Indígena (dezesseis), do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (doze acadêmicos indígenas no PIBID Interdisciplinar e um no PIBID História), monitores (três acadêmicos indígenas do Curso de Ciências Sociais)<sup>4</sup>.

Estive nas escolas das Aldeias *Guapo'y* (Amambai) e Limão Verde (*Tapy Kora*) para as atividades do PIBID e outras relacionadas ao curso de Pós-Graduação *Lato*

---

<sup>4</sup> Dados Fornecidos pela secretaria da UEMS/Amambai.

*Sensu* Instituições Políticas e Processos Sócio Histórico, do qual fui estagiária. Essas idas às escolas proporcionaram dados relevantes no sentido de ver o quanto os profissionais da educação da etnia Guarani e Kaiowá estão engajados em ampliar suas redes de relacionamentos. Entendem que quanto mais apoiadores tiverem mais terão meios para inserção de seus conhecimentos e ampliação de seus projetos relacionados à educação. Muitos dos professores estão cursando pós-graduações, e outros mesmo na graduação já estão nas salas de aula. Apresentam suas preocupações relacionadas às outras áreas, como a saúde indígena, questão de direitos, transportes. Enfim; a escola é um setor que se liga às instituições de ensino superior, vistas como possíveis parcerias em potencial para o desenvolvimento de projetos variados.

### **VIVÊNCIAS: DIVERSOS CENÁRIOS DOS GUARANI E KAIOWÁ NA UEMS.**

Nas universidades no Brasil tem acontecido um considerável avanço no acesso de estudantes indígenas e negros por meio do sistema de cotas. A UEMS, desde 2003 “criou políticas institucionais de inclusão social, como o sistema de cotas para negros e indígenas, instituído por meio de lei estadual.” (FARIAS, 2013, p. 141.).

Na Unidade da UEMS de Amambai matriculou-se, em 2015<sup>5</sup>, um total de trinta e dois estudantes Guarani e Kaiowá, ingressantes pelo sistema de cotas: no curso de Ciências Sociais eram quinze e no curso de História dezessete estudantes.

A formação nos dois cursos expressa a emergência e dimensão da temática indígena e os conflitos contemporâneos, incorporando-a nos níveis de ensino, pesquisa e extensão. Os projetos de ensino e extensão garantem bolsas de estudo, o que contribuiu para um maior acesso de estudantes que no ato da matrícula já solicitam o atestado para se inscreverem nos programas que oferecem bolsas e/ou estágios remunerados. Com esse recurso podem se dedicar ainda mais aos estudos. A existência dessas bolsas é bastante divulgada através do movimento estudantil, do corpo docente, secretarias, coordenação dos cursos, nas redes sociais e com a distribuição de cartazes que os próprios estudantes indígenas fazem nas escolas, posto de saúde das aldeias e no convívio.

Desse argumento da divulgação das bolsas surge uma reflexão sobre a importância dos programas institucionais de bolsa e programas de auxílio à permanência na universidade. Enquanto políticas afirmativas, são divulgados pelo

---

<sup>5</sup> Fonte: Secretaria Acadêmica UEMS/ Amambai. Dos Cursos de História e Ciências Sociais.

movimento estudantil, corpo docente e diversas instituições ligadas aos Guarani e Kaiowá, ao refletirem a respeito da temática do direito ao acesso e permanência no ensino superior.

O ingresso e permanência de um número maior de estudantes promove a motivação para a continuidade dos estudos. A postura de apoio por parte dos veteranos tem contribuído para a permanência dos calouros, no momento em que ingressam na universidade e incentivados a procura dos cursos, desde o ensino médio das escolas nas aldeias até o momento da seleção.

Nesta perspectiva, a permanência também perpassa pelo entendimento e reconhecimento da importância de assumirem sua identidade, diante do preconceito que enfrentam no reduto da universidade. Quando estão na escola da aldeia *Guapo'y* estão entre os seus, mesmo tendo que enfrentar alguns conflitos locais, mas a diferença é enfrentar o discurso e a indiferença dos acadêmicos não indígenas. Alguns estudantes relatam que isto é muito mais difícil de enfrentar do que as outras dificuldades como o trajeto que toda a noite fazem no escuro para voltarem às suas casas. Nesse contexto há, ainda, a relação com os estudantes não indígenas, por onde perpassam conflitos de vários níveis.

Entretanto os acadêmicos Guarani e Kaiowá reagem de forma coletiva: se unem e se articulam para que não haja desistência. As experiências de preconceito tem sido tema em trabalhos científicos, resenhas, artigos, usando referenciais teóricos das Ciências Sociais.

Os bolsistas do PIBID interdisciplinar entenderam que o estágio nas escolas da Aldeia e nas escolas da cidade é o meio que eles têm de mostrar para aos estudantes que estão na rede de educação básica a importância da formação acadêmica para a sua comunidade local. Na academia se identificam e questionam as teorias, e formam consciência de quão relevante é assumir posicionamentos em defesa de sua cultura e da demarcação de terra.

A partir disso fomentam entre eles o debate sobre a temática da demarcação de terras tradicionais, entendida como de maior importância. Na perspectiva sobre direitos, os acadêmicos Guarani e Kaiowá dizem que não existe direito nenhum a ser conquistado fora da legitimidade dos territórios tradicionais, tornando assim como um direito por excelência. Posicionam-se como divulgadores debatedores da questão e apoiadores dos seus parentes que estão em situação de acampamento para retomadas de territórios tradicionais.

Proponho fazer um paralelo da retomada dos territórios tradicionais com o território da universidade, espaço também de colonização de saberes e do qual os povos indígenas estiveram excluídos.

Entendo esse momento enquanto um tempo de retomada de lugares que a sociedade não indígena quer negar aos Guarani e Kaiowá, e que isso se expressa no ingresso na Universidade, na ocupação desse espaço e na ampliação do conhecimento de direitos.

Ao refletir sobre um centenário de situação de confinamento dos Guarani e Kaiowá (a partir da citação acima), é importante observar que para os estudantes Guarani e Kaiowá sua forma de vida, sua cosmologia, não se descola no momento em que estão na universidade. E o ato de permanecer na universidade mesmo em momentos de rechaço, mesmo reconhecendo as dificuldades, entretanto se sentem fortalecidos e intensificam a luta pelas terras tradicionais. O estar na universidade é um ato político, no momento em que reconhecem que sem *tekohá* não há *teko* (PEREIRA, 2004.).

Os estudantes indígenas criaram mecanismos contemporâneos, como as leituras de obras teóricas para contextualizar e atuarem com embates nas redes sociais, manifestarem-se através de imagens e vídeos, com a finalidade de constituir e fortalecer ainda mais o cenário de resistência do modo de vida, na compreensão do *tekoha* e do *teko porã*.

A hipótese que surge é; se para os estudantes indígenas suas relações com pessoas, com os lugares que são inseridos perpassa por ações ou práticas cosmológicas e se o *teko porã* acontece por representações simbólicas através de danças, *Ñembo'e* (canto ou reza), e se o *teko porã* leva os indígenas a uma vivência ou inclinar-se a reflexão sobre uma vida coletiva. Isto sugere pensar que fossem necessárias essas práticas, para que os estudantes indígenas pudessem começar a ocupar, e ter autonomia, ou melhor, reconhecer e serem reconhecidos como sujeitos do espaço universitário.

Então as diversas, eventualidades acadêmicas com assuntos ou de interesse dos Guarani e Kaiowá; momentos como danças “*guachire, sambo*”, e rezas começaram a acontecer, a partir de 2013. Embora essa presença e visibilidade levassem as pessoas que não são indígenas e não conhecem de perto este universo cosmológico, a pensar que era “exibicionismo” dos indígenas, mas para além do que estava sendo visto, os estudantes Guarani e Kaiowá estavam protagonizando sua forma de vida no espaço acadêmico, demarcando o espaço universitário. Aquele estranhamento estava sendo superado por uma ação que remete à familiaridade. Eram ações que lhes davam

liberdade para transformar a forma de se ver e ver a/na universidade, no aspecto cosmológico *ou o jeito de ser guarani* que passa pela alteridade da presença dos Guarani e Kaiowá na UEMS de Amambai.

Sugiro essa reflexão sob os diversos acontecimentos, por pensar no *tekohá* como dimensão do bem viver dos Guarani e Kaiowá. A cosmologia indígena perpassa por essa realidade de contato subjetivo com os seres dos cosmos, relações com a natureza e com a humanidade.

Logo pensar nos saberes dos povos indígenas perpassa por relação política, cosmológica, de sociabilidade, sem ferir sua alteridade, e não é o contato com os não índios ou com a universidade que vai fazer com que percam o apreço por seus costumes e respeito com os mais velhos ou com a prática de reza.

É possível perceber a forma como os Guarani e Kaiowá procuram relacionar seus conhecimentos próprios com os ocidentais. O relato abaixo representa a perspectiva cosmológica Guarani e Kaiowá em relação aos saberes não indígenas. Algacir Amarília:

Certa vez quando nasceu uma criança da parenta de minha esposa, e eu já estava estudando, então a mãe dela disse: “tem que levar essa criança para a mulher rezar, porque se não rezar enquanto é recém-nascido vai morrer, porque o centro da cabeça está aberto, só assim pra fechar”, eu e minha mulher; pensamos que na escola aprendemos que não tem nada disso! Certo dia quando cheguei a casa depois da aula, fui informado que tinham levado a criança para rezar. Não adianta o índio acredita nas pessoas mais velhas e na reza, mesmo com todos os estudos que tiverem, sempre vão respeitar a cultura. (ENTREVISTADO, Algacir Amarília. Maio, 2015.).

Este relato mostra que para os Guarani e Kaiowá os grandes mestres não estão tão somente na universidade como também entre seu grupo étnico. Existem situações que na perspectiva dos estudantes indígenas da UEMS/Amambai, estudo nenhum vai resolver ou trazer a compreensão de algo, existem conhecimentos que a ciência não supera como relata o estudante de Ciências Sociais Jayson de Sousa Moraes:

Uma coisa que eu aprendi aqui na UEMS é que a ciência assim como um todo ela pode não aceitar tudo o que a gente sabe, mas mesmo assim nossos saberes são nossos! Não interessa se aceita ou não, aquilo para nós é importante, é uma ciência para nós, é uma ciência! Sempre procuro falar para o pessoal é nossa ciência, um exemplo que eu dei; quem sabe colher o sapê na hora certa. Se colocar na lua errada, ele vai apodrecer; ninguém sabe como a gente sabe! Pode trazer o engenheiro que se formou, ele não sabe, ele vai tirar o sapê na hora errada, ele vai por a madeira no tempo errado, pode ter estudado na melhor universidade não vai saber. Então nós temos nossa

ciência, e a gente tem que aprender a valorizar, e isso eu aprendi! É uma luta que a gente tá tendo, de convencer os mais jovens na aldeia em ter consciência de valorizar a cultura; o conhecimento aqui é muito importante, é essencial pra gente, conhecer sobre nossos direitos, até porque a luta sobre nossos direitos a gente trava aqui fora. (ENTREVISTADO, Jayson de Sousa Moraes. Outubro, 2015.).

O cenário de relação dos povos indígenas Guarani e Kaiowá sobre as perspectivas de conquistas de direito passa por essa relação cosmológica, uma visão de mundo que considera a natureza e os seres sobrenaturais, a exemplo de como se deve pedir licença para os donos espirituais (*jaras*) daquele lugar para entrar.

No entanto os estudantes Guarani e Kaiowá, estabeleceram uma mudança depois de diversos acontecimentos (citados a cima), momentos de intervenções com postura de exigência de direito relacionado à condição de corpo discente e/ou de autonomia, transformasse a invisibilidade em presença atuante dentro da universidade.

A partir dessa relação, com uma alegria produzida pelas práticas culturais, mostraram um pouco do compromisso com os estudos e que o estar na universidade não os separam do *teko porã*, sugerindo para a academia que compreendam e conheçam mais sobre os Guarani e Kaiowá.

Depois disso também começaram a buscar nas disciplinas e professores compreensão e apoio aos conflitos e realidades que acontecem na aldeia ou na universidade.

Ao entrevistar um dos estudantes indígenas que trouxe um relato sobre sua relação com os professores da universidade. Disse: “sempre procurei conversar com alguns professores que pudessem compreender minhas angústias” (ENTREVISTADO; Celuniel Aquino Valiente. Outubro, 2015.), por não conseguir separar a história de seu povo do cenário da universidade, compreendendo que o contato com o corpo docente e com as teorias lhe fortalece. Essa vivência traz o desejo de se manter na vida acadêmica, fazer pós- graduação, e ir até onde lhe for possível, para depois contribuir ainda mais com sua realidade na Guapo’y.

Em 2014, um jovem kaiowá, calouro do curso de História que reside na aldeia *Guapo’y*, participou do congresso do DCE/ UEMS - Diretório Central dos Estudantes da UEMS. Atuaram nos debates trazendo sua realidade, forma de vida, conflitos fundiários que emergem na região de Amambai. Tornou-se membro do DCE como representante da coordenadoria de combate as opressões.

Em 2013 ocorreu um evento de formação a respeito do movimento estudantil com representantes estaduais da UNE - União Nacional dos Estudantes organizada por estudantes da UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. Produzia-se certa surpresa os relatos das dificuldades relacionadas à permanência dos estudantes indígenas no ensino superior, dificuldades que encontravam com a língua portuguesa, com a linguagem científica e normatização dos trabalhos acadêmicos.

No mesmo ano organizamos um evento procurando contextualizar a realidade dos estudantes da UEMS, e pensamos em trazer alguém dos Guarani e Kaiowá que refletisse, a partir de sua trajetória no ensino superior, a respeito da universidade e as dificuldades encontrada durante sua formação. Ismael Morel, da etnia Guarani Kaiowá, que atua na escola municipal da Aldeia *Guapo*'y como professor de educação física, foi o palestrante.

É partir da intensidade dessas vivências que esse trabalho apresenta um relato parcial de situações que promoveram a aproximação, na universidade, entre estudantes indígenas e não indígenas. Estas eventualidades proporcionaram para além do que se poderia pensar como “demonstração”, em caráter exótico, do jeito de viver guarani e kaiowá: era o momento que se posicionavam politicamente em defesa de sua forma de vida, sempre ressaltando a importância da demarcação de terras.

No encontro nacional da UNE, em Goiânia, Goiás, o protagonismo dos acadêmicos Guarani e Kaiowá da UEMS/Amambai foi expressivo. Participaram de alguns debates e fizeram intervenções, falando mais uma vez da realidade de confinamento que se encontram, e da importância que é para suas etnias as retomadas de terras.

Acompanhei, por várias vezes no ano de 2015, os acadêmicos indígenas discutindo a luta por demarcação de terra, através de intervenções com cartazes na universidade, produzindo fotografias com docentes, coordenadores, estudantes e colocando essas fotos nas redes sociais. E também nas salas de aula, fomentando o debate sobre a demarcação de terra, não aceitando mais o discurso do senso comum que os acadêmicos não indígenas usam para atingi-los e ao modo de vida dos Guarani e Kaiowá.

As expressões preconceituosas e conflitos interétnicos, que antes os faziam pensar em desistir do curso, atualmente levam a dizerem que vão permanecer na faculdade, e vão buscar conhecer ainda mais a etno-história, para defenderem sua etnia e lutarem para que seus direitos sejam reconhecidos e seus saberes sejam respeitados.

Expressam o desejo de conhecer teorias que os fortaleçam. Ressaltam que isso os faz fortes diante das situações de preconceito que ainda enfrentam no ambiente acadêmico, ao ponto de isto virar temas de pesquisas, artigos e resenhas que muitos vêm se dedicando.

Os relatos dessas convivências ressaltam a importância da instituição de ensino superior e seus agentes se voltarem para o contexto de vida dos Guarani e Kaiowá. O desejo de manter os modos próprios de vida, *nhande reko*, que em vários momentos defendem que “a demarcação é início de tudo!”, como diz Celuniel Valiente Aquino, (ETREVISTADO, Outubro, 2015). Sendo que é isto que os acadêmicos indígenas esperam: que a sociedade não indígena compreenda sua forma de vida e a legitimidade da reivindicação por demarcação de terras indígenas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trabalhar, estudar e conviver com os jovens estudantes Guarani e Kaiowá propôs a necessidade de refletir a respeito dos fundamentos da relação da sociedade ocidental com os povos indígenas. Considerar os saberes indígenas implica em constituir direitos aos indígenas de forma efetiva.

Invertendo a lógica assimétrica, não são os povos indígenas que tem que se adequar a esse modelo de vida e sim as instituições se adequarem, a exemplo da universidade. Longe de ser um devaneio, coloco como um direito de viver em um mundo diferente desse que constrange os Guarani e Kaiowá, expresso na fala: “aquí uma cabeça de gado vale muito mais que um ser humano”, do líder kaiowá Anastácio Peralta.

As terras indígenas vão se tornando terra de branco, no sentido de que o preço para permanecer nessas terras é o seu próprio sangue. Quando são tirados de seu *tekohá*, acontece um rompimento com o direito de existir, e refletir isto convivendo com os estudantes é unir-se as suas lutas.

Estudar é um direito e direito legitimado pelo sistema de cotas, mas percebi que nada disso tem sentido se os que estão aqui estudando estão vendo seus parentes morrendo em conflitos agrários. Várias vezes trouxeram esta preocupação para as conversas e para os debates no âmbito acadêmico.

É importante pensar que essa vivência exige um sair da zona de conforto e problematizar todo esse contexto. Contudo pude perceber por outro lado que existe a

firme intenção de permanecer na universidade, e a esperança de isso ter um retorno para a comunidade.

Seguem apoiando-se na formação acadêmica e se sentem fortalecidos com uma graduação, para mais e mais se posicionarem politicamente sobre a luta pela demarcação de terras, e mantém a importância de permanecerem dando visibilidade às suas lutas. Ampliam as ferramentas de luta e ocupam as redes sociais, afirmando que a luta pela terra é deles, por isso estão na universidade, no campo da intelectualidade, para fazer com que seus direitos não percam o valor que tem, pois sempre reconhecem que o sangue das lideranças que foi derramado nessas lutas, foi o que lhes deu forças; essas lutas foram fundamentais para a constituição de direitos.

O interesse dos Guarani e Kaiowá em retomar suas terras diverge do interesse hegemônico no processo histórico brasileiro. Por isso posso afirmar, tendo como base as narrativas de alguns estudante e professores indígenas, que não é o diploma, nem mesmo a formação acadêmica, que vai modificar as suas vivências culturais “*nhande reko*”. Ao contrário, essa formação reforça a noção de direitos e o desejo de estarem de volta às suas terras tradicionais.

Assim como é direito estudar, ter saúde, lazer, para os Guarani e Kaiowá esses só têm sentido com a possibilidade de retornar às terras tradicionais, o que se consegue, inclusive, a partir das suas práticas religiosas.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS**

BENITES, Tônico. **A Escola na Ótica dos Avá Kaiowá: impactos e interpretações indígenas.** Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro-RJ. 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O Uso Social da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Ed. UNESP. 2004. Acesso em: 07 de novembro de 2015. Disponível em: <[https://cienciastecnologiasociedades.files.wordpress.com/2011/10/pierre\\_bourdieu\\_-\\_os\\_usos\\_sociais\\_da\\_ciencia.pdf](https://cienciastecnologiasociedades.files.wordpress.com/2011/10/pierre_bourdieu_-_os_usos_sociais_da_ciencia.pdf)>.

BRAND, Antonio. **O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da Palavra.** Tese Doutorado em História. PUC/RS- Porto Alegre/RS. 1997.

BRAND, A. FERREIRA, E. M. L. ALMEIDA, F. A. A. **O processo de demarcação das reservas indígenas Kaiowá e Guarani, no Mato Grosso do Sul, pelo SPI, e os**

**conflitos de terra, entre as décadas de 1910-1940.** [CD-ROM Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos]. São Leopoldo, RS. Unisinos. 2007.

BRASIL. **IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Amambai - MS. Acesso em 20 de Janeiro de 2016. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=500124> >.

BRASIL. **PIBID: subprojeto interdisciplinar.** 2014. Acesso em: 09 de novembro de 2015. Disponível em: <[http://www.uems.br/institucional/pibid/arquivos/69\\_2015-02-21\\_09-38-20.pdf](http://www.uems.br/institucional/pibid/arquivos/69_2015-02-21_09-38-20.pdf)>.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo.** Roberto Cardoso de Oliveira. Brasília: Paralelo 15. Ed. 3. São Paulo: Editora UNESP. 2000.

CRESPE, Aline Castilho. **Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowá no município de Dourados MS: (1990-2009).** Dissertação de Mestrado. UFGD, Dourados-MS. 2009.

CRESPE, Aline Castilho. **Mobilidade E Temporalidade Kaiowá: do Tekoha à Reserva, do Tekoharã ao Tekoha.** Tese Doutorado. UFGD - MS. 2015.

FARIAS, Sidinea Cândida. **Processo de expansão e de interiorização da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e a democratização da educação superior (1993 - 2010).** Tese Doutorado. UCDB, Campo Grande- MS. 2013.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Acesso em: 09 de novembro de 2015. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/neccso/word/texto\\_stuart\\_centralidadecultura.doc](http://www.ufrgs.br/neccso/word/texto_stuart_centralidadecultura.doc)>.

LIMA, V. **Teko porã, reciprocidade e política entre os Guarani e Kaiowá da Aldeia Amambai, MS.** Trabalho de Conclusão de Curso de Pós Graduação Lato Sensu. UEMS, Amambai- MS. 2015.

MILLS, C. W. **Do Artesanato Intelectual.** MILLS, C. W. A Imaginação Sociológica. Rio de Janeiro, RJ. Ed. 2. 1982.

PEREIRA, L. M. **Imagem Kaiowá do sistema Social em seu entorno.** Tese de doutorado em Antropologia (Etnologia). USP- SP. 2004.

ROSSATO, V. L. **Os resultados da escolarização entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul: Será o 'letrão' ainda um dos nossos? Dissertação de Mestrado em Educação.** UCDB. Campo Grande- MS. 2002.

SILVESTRE, Célia Maria Foster. **Entretempos: experiências de vida e resistência entre os Kaiowá e Guarani a partir de seus jovens.** Tese Doutorado. UNESP, Araraquara-SP. 2011.

SILVESTRE, C. M. F. FERREIRA, M. S; AMARILIA, A. **Formação de Cientistas Sociais e Historiadores Guarani e Kaiowá.** Congresso Iberoamericano de Arqueologia, Etnologia e Etno- história. 3. Anais. ST 02. 2015. Acesso em: 08 de novembro de 2015. Disponível em: <<http://www.ciaee2015.com.br/>>.